

## **A ILHA EM QUE EU HABITO: UMA LEITURA DE MUNDO NOS ANOS INICIAIS A PARTIR DE UM OLHAR SOB A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS/SC**

**Gabrielle Luana Rosinski**

**gabiluana@hotmail.com<sup>1</sup>**

**Carolina Araujo Michielin**

**carolinaa.michielin@gmail.com<sup>2</sup>**

### **Resumo**

*A escola tem papel importante na formação cidadã, formação esta que é de extrema importância para a interpretação da realidade social. Nos anos iniciais do ensino fundamental, quando a criança vivencia o seu primeiro contato com a escola, esta tem a função de mediar o seu processo de alfabetização. Todavia, muitas vezes esse processo fica limitado ao controle de técnicas de escrita e leitura, mas a alfabetização vai muito além desta tarefa. É nessa fase que se aprende a ter uma leitura do mundo e seus elementos, bem como compreender seu papel na sociedade. Segundo Callai (2005) é preciso buscar caminhos para se ensinar Geografia nos anos iniciais, e essa busca deve estar centrada no pressuposto básico de que, para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo. Este trabalho expõe uma prática educativa, aonde através de desenhos, crianças do segundo ano do ensino fundamental representaram sua cidade caracterizando o espaço onde vivem conforme a sua perspectiva. Desse modo é possível analisar as potencialidades da Geografia nos anos iniciais considerando que estas crianças são seres que produzem sua espacialidade, lembrando-se da importância de instigar estas crianças a fazerem sua própria leitura de mundo.*

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Anos Iniciais, Lugar.

### **Introdução**

A cidadania, como objetivo maior da educação formal em seus diferentes níveis de ensino juntamente com o conceito de lugar se tornam segundo Silva (2017), fundamentais para

---

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), vinculada ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO).

<sup>2</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), vinculada ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO).



a compreensão da realidade socioespacial no qual o estudante está inserido. A escola tem a função de mediar conceitos como estes, agregando a eles, a realidade vivenciada por cada estudante. Tendo como objetivo, construir conhecimentos que resultem em suas capacidades de pensar e agir autonomamente e interpretar as realidades sociais. O ensino de geografia consegue proporcionar esta ligação de conceitos, bem como proporcioná-la considerando estas realidades sociais individuais.

De acordo com Callai (2005), é importante ter uma proposta de letramento nos anos iniciais que contempla o ensino de geografia com uma função de potencializar para a compreensão do mundo e do lugar na qual cada criança está inserida. Como afirma Callai (2009, p. 187):

[...] o lugar como ponto de referência ao ensino-aprendizagem da Geografia não quer dizer que deva ser sempre o ponto de partida para o estudo. Pelo contrário, o lugar é a referência que nos possibilita interligar o cotidiano, a vida concreta, com as demandas do mundo global e, trabalhando na interface do humano e do natural, compreender o mundo e a sociedade em que vivemos.

O presente artigo tem como objetivo analisar as potencialidades da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como, expor uma prática educativa aonde foi trabalhado com crianças do segundo ano, o conceito de lugar. O conceito foi explorado através de desenhos que buscavam representar o lugar onde estas crianças vivem a cidade de Florianópolis/SC, uma ilha que é capital do Estado de Santa Catarina. O objetivo da prática foi de proporcionar para estas crianças, uma reflexão crítica e autônoma sobre os elementos que constituíam o seu lugar, a sua cidade, o cotidiano que fazem parte.

### **O ensino de geografia nos anos iniciais**

O conceito de alfabetização vem passando por ressignificações, que tem como intuito trazer um significado mais adequado para esta fase da criança, que tem seu primeiro contato com a Escola de Educação Básica. Segundo Martins (2015), a alfabetização vai além de um domínio de técnicas de leitura e escrita, mas é também um processo onde se compreende as capacidades e conhecimentos múltiplos. Sendo assim, compreende-se que a alfabetização é um processo que vai além do saber escrever símbolos e identificá-los, sendo de extrema importância que a criança desenvolva também uma leitura do mundo à qual está inserida. Para

Callai (2005) é preciso buscar caminhos para ensinar geografia nos anos iniciais, e essa busca deve estar centrada no pressuposto básico de que para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo.

As crianças, enquanto sujeitos sociais, também produzem o espaço e neste processo, constroem lugares (LOPES; VASCONCELOS, 2005). Compreender o espaço ao qual está inserida é o primeiro passo para a formação de cidadania de uma criança. A ciência geográfica permite se reconhecer no espaço bem como, conhecer os fenômenos do mundo à qual está inserida. Alfabetizar geograficamente nos anos iniciais é uma maneira de proporcionar a formação de um cidadão que consegue compreender as dinâmicas sociais do mundo, bem como questioná-las, trazendo maior sentido para tudo aquilo que escreve e lê.

[...] ler o mundo não é apenas saber ler um mapa, apesar de essa leitura ser extremamente importante para a Geografia. É ir um pouco mais além, é ler a vida nas entrelinhas do cotidiano de cada um, relacionar Geografia Humana com Geografia Física de forma articulada e plena, completando-as; compreender que as paisagens são consequências da interação do homem com a sociedade. (GONÇALVES e LOPES, 2010, p. 66).

Através das categorias geográficas e conceitos, podemos auxiliar as crianças para que possam construir seu pensamento crítico. Seriam estas categorias geográficas o espaço, o lugar, o território, a globalização, a cidade, a cartografia, a natureza e a sociedade (BRASIL, 1997; CAVALCANTI, 2002). Se busca com estes ensinamentos, que as crianças tenham autonomia e capacidade de compreensão dos componentes de uma sociedade desigual e ainda segundo Santos (1996), tenham a possibilidade de compreender autonomamente sobre os problemas sociais que atingem a sociedade que estão inseridos e a qual fazem parte.

### **A ilha em que eu habito**

Este trabalho tem como intuito, além de discutir a importância do ensino de geografia nos anos iniciais, como proposto anteriormente, apresentar uma prática de ensino de geografia dos anos iniciais. A prática foi aplicada em uma turma de segundo ano do ensino fundamental, com cerca de 20 estudantes, em uma escola pública da cidade de Florianópolis e teve como intuito trabalhar as características da cidade sob o olhar das crianças. Para iniciar a atividade,



fizemos uma roda de conversa, aonde as crianças tiveram voz para falar quais eram os principais elementos que compunham a nossa Ilha. Um dos resultados desta conversa que precisa ser aqui destacado, é que para a maioria das crianças, os elementos turísticos da cidade, que atraem tantos turistas a conhecerem a Ilha, passaram longe de suas percepções, tendo em vista que, a escola pública em que aplicamos está prática, atende crianças de sua maioria oriundas das comunidades dos morros da área central de Florianópolis. Muitas destas crianças, nunca ou pouco tiveram contato com as praias da ilha, que muitas vezes, são o principal atrativo para a recepção de um grande número de turista à capital catarinense.

Em um segundo momento, entregamos as crianças o contorno do mapa de Florianópolis. Neste mapa, solicitamos que, livremente, as crianças representassem através de desenhos o que para elas representava o lugar ao qual elas pertencem. De acordo com Straforini (2008, p. 24), o conceito de lugar merece destaque entre as demais categorias geográficas, tendo em vista que:

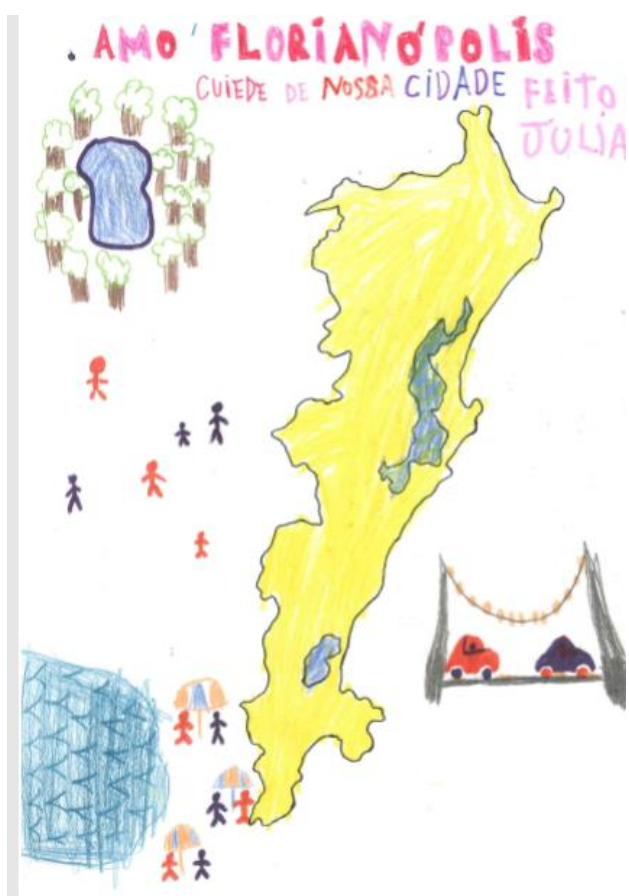
[...] ao trabalharmos com crianças é sempre necessário ter como referência o próximo e o vivido. Todavia, essa categoria não se limita aos limites administrativos do bairro e/ou da cidade. O lugar é, para nós, a possibilidade de empiricização do mundo, ou seja, é no lugar que o mundo – a totalidade se faz sentir.

Partindo então ao resultado das produções das crianças, selecionamos aqui algumas destas ilustrações para tecer uma breve análise dos resultados apresentados. (Figura 01, Figura 02, Figura 03, Figura 04 e Figura 05). Segundo Locks; Tonini (2006) existem grandes indícios de que a ilha de Santa Catarina tem como atrativo a natureza e suas belíssimas praias, o título de Capital brasileira de qualidade de vida atrai ainda mais os turistas, que vem até a ilha admirar os conjuntos de beleza aqui dispostos. Mas, nas representações das crianças, podemos ver claramente que as questões que permeiam a ilha, muitas vezes não andam em uma linha tênue com nossas belezas naturais.



Podemos observar na Figura 01 e na Figura 02 que, em muitos dos desenhos, os principais elementos que para as crianças compõem a sua ilha são elementos que permeiam seu cotidiano. Sendo estes, residências, meios de transporte, escolas, mercados e lojas. Encontramos também representações de igrejas e hospitais. Mas os elementos principais, que aparecem tanto na Figura 01 e Figura 02, quanto na Figura 03 e na Figura 04, mas com destaque para a Figura 05 são as pessoas que fazem parte destes lugares.

Figura 03



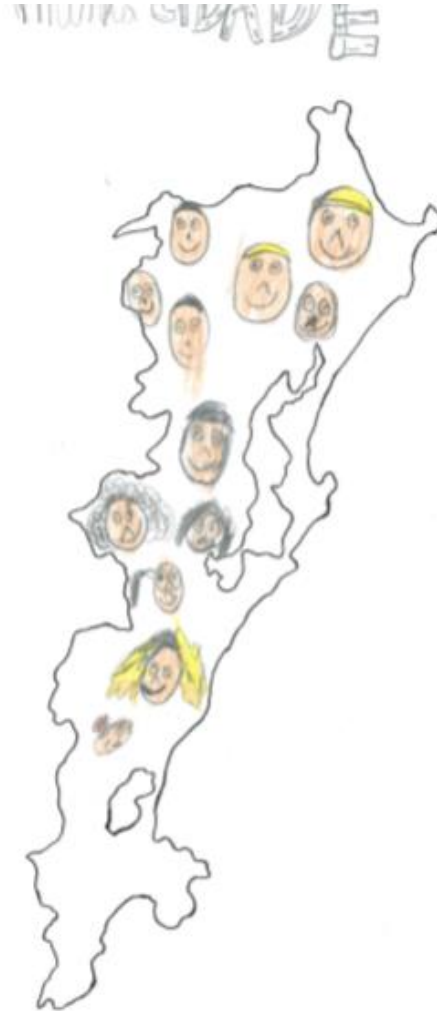
Fonte: Gabrielle Luana Rosinski, 2018.

Figura 04



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski, 2018.

Figura 05



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski, 2018.

Tendo em vista que as crianças são sujeitos sociais e produzem o espaço e constroem nele seus lugares, esta prática se faz importante na compreensão da visão destas crianças sobre o lugar que habitam. Para Lopes (2009, p. 43) “entender as crianças como produtoras de espacialidades é sem dúvida uma contribuição que nossa ciência pode trazer para o estudo das crianças e suas infâncias”. É importante ressaltar que, ensinar pelo ponto de vista do estudante não quer dizer que o ensino de geografia fique no círculo concêntrico das crianças, mas sim que seja um ponto de referência para explorar, a partir deste ponto, o mundo.



## Considerações finais

O presente texto buscou tecer uma discussão acima da importância do ensino de geografia nos anos iniciais. Debates acerca da resignificação do significado de alfabetização como uma simples técnica de leitura e reprodução de símbolos, e a importância de instigar criança a fazer sua própria leitura do mundo. Proporcionando assim, o objetivo maior da educação formal, a cidadania (BRASIL, 1997, 2010, 2016). Através de Callai (2005) podemos afirmar a importância do ensino de geografia nas fases de letramento, ensino este, sendo efetivado através da leitura e entendimento do mundo e do lugar ao qual a criança vive.

Através de uma prática pedagógica realizada nos anos iniciais do ensino fundamental, podemos analisar as produções de ilustrações de crianças que moram na ilha de Florianópolis, produções estas que retratam como as crianças veem a ilha. Ilha esta, que é um famoso destino turístico do país e que muitas vezes é visada como um destino turístico por suas praias. Notamos que, para as crianças periféricas da ilha, o que representa para elas seu lugar são elementos cotidianos, como casas, meios de transportes, mas principalmente as pessoas que nela habitam.

Sendo assim, esta prática visou compreender e discutir acerca dos elementos, listados e ilustrados pelas crianças dos anos iniciais, que tinham um significado representativo em suas vidas e que, para as mesmas, trazem o significado de lugar, um lugar por elas ocupado, para esta ilha. Cumprindo assim as proposições estabelecidas por Callai (2013, p. 273): “conhecer a realidade que é vivida e se apropriar de ferramentas intelectuais para entender o espaço que é produzido.”. As ilustrações serviram como uma ferramenta para entender a produção e reprodução das crianças como cidadãs no espaço.

## Referências

- BRASIL. Ministérios da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, H. C.; Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 66, 2005.





- CALLAI, H.C. **O lugar e o ensino-aprendizagem da Geografia.** In: PEREIRA, M. G. (Ed.) *La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo.* Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009. P. 171-190. (Colección investigación)
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.
- GONÇALVES, T. R. P. da S.; LOPES, J.J.M. Alfabetização geográfica nos primeiros anos do ensino fundamental. **Revista instrumento – Revista de Estudos e Pesquisas em Educação,** Juiz de Fora, v.10 p .45-52,jan./dez, 2008.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. **Geografia da infância:** reflexões de uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2005.
- MARTINS, R.E.M.W. O uso da literatura infantil no ensino de geografia nos anos iniciais – **Revista Geo UERJ,** n.27, p.64-79. Rio de Janeiro, 2015.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** 3. Ed. São Paulo: Nobel, 1996. (Coleção Espaços)
- SILVA, L.C. **Considerações sobre a Geografia nos anos iniciais:** lugar e cidadania. In PORTUGAL, J.F. (Org). *Educação Geografia – temas contemporâneos –* Salvador: EDUFBA, 2017.
- STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia:** o desafio a totalidade-mundo nas séries iniciais. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- LOCKES, E. B. D. ; TONINI, H.; **Imagem e Turismo:** um breve estudo do destino Florianópolis, Brasil. Caxias do Sul, RS, Brasil. 2006. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT10-2.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT10-2.pdf). Acesso em 28/03 de 2019.
- LOPES, J.J.M. **As crianças, suas infâncias e suas histórias:** mas por onde andam suas Geografias? *Educação em Foco,* Juiz de Fora, v.13, n.2, p.31-44, set/2008-fev/2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/11/Artigo-02-12.2.pdf> Acesso em 28/03 de 2019.